

"Mais do que outra, quereria que a minha acção pela vida fosse educar os outros a sentir cada vez mais para si-propríos, e cada vez menos segundo a lei / dinamica / da colectividade. Educar naquella antisepsia espiritual pela qual não pode haver contágio de vulgaridade, parece-me o mais constellado destino do pedagogo / intimo / que eu queria ser."¹



SENTIR

"Nunca me esqueço do que sinto."²

"Nunca desembarcamos de nós. Nunca chegamos a outrem, senão outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos."³

"No fundo, ha na nossa experiencia da terra duas coisas só - o universal e o particular. Descrever o universal é descrever o que é commum a toda a alma humana e a toda a experiencia humana - o ceu vasto, com o dia e a noite que acontecem d'elle e nelle; o correr dos rios - todos da mesma agua sororal e fresca; os mares, montanhas tremulamente extensas, guardando a magestade da altura no segredo da profundeza; os campos, as estações, as casas, as caras, os gestos; o trage e os sorrisos; o amor e as guerras; os deuses, finitos e infinitos; a Noite sem fórma, mãe da origem do mundo; o Fado, o monstro intellectual que é tudo... Descrevendo isto, ou qualquer cousa universal como isto, fallo com a alma a linguagem primitiva e divina, o idioma adamico que todos entendem. Mas que linguagem estilhaçada e babelica fallaria eu quando descrevesse o Elevador de Santa Justa, a Cathedral de Rheims, os calções dos zuavos, a maneira como o portuguez se pronuncia em Traz os Montes? Estas coisas são accidentes da superficie - podem sentir-se com o andar mas não com o sentir. O que no Elevador de Santa Justa é o universal é a mechanica facilitando o mundo. O que na Cathedral de Rheims é verdade não é a Cathedral nem o Rheims, mas a magestade religiosa dos edificios consagrados ao conhecimento da profundeza da alma humana. O que nos calções dos zuavos é eterno é a ficção colorida dos trajes, linguagem humana, creando uma simplicidade social que é em seu modo uma nova nudez. O que nas pronuncias locais é universal é o timbre caseiro das vozes de gente que vive espontanea, a diversidade dos seres junctos, a sucessão multicolor das maneiras, as diferenças (o limite) dos povos, e a vasta variedade das nações."⁴

(X)

(3)

Fundação Cuidar o Futuro

"Que me pode dar a China que a minha alma me não tenha já dado? E,

¹ Pessoa, Fernando, in "Livro do Desassossego", por Bernardo Soares, ed. Ática, Lisboa, 1982, pag. 91-92

² idem, pag.52

³ idem, pag.135

⁴ idem, pag.137



se a minha alma m'ó não pode dar, como m'ó dará a China, se é com
minha alma que verei a China, se a vir? Poderei ir buscar riqueza
ao Oriente, mas não riqueza de alma, porque a riqueza da minha alma
sou eu, e eu estou onde estou, sem Oriente ou com elle."⁵

PENSAR

"Quem sabe sequer o que pensa, ou o que deseja?"⁶

"O homem de sciencia reconhece que a unica realidade para si é elle proprio, e o unico mundo real o mundo como a sua sensação lh'ó dá. Porisso, em lugar de seguir o falso caminho de procurar ajustar as suas sensações às dos outros, fazendo sciencia objectiva, procura, antes, conhecer perfeitamente o seu mundo, e a sua personalidade. Nada mais objectivo do que os seus sonhos. Nada mais seu do que a sua consciencia de si. Sobre essas duas realidades requinta elle a sua sciencia. É muito differente já da sciencia dos antigos scientificos, que, longe de buscarem as leis da sua propria personalidade e a organização dos seus sonhos, procuravam as leis do "exterior" e a organização d'aquillo a que chamavam "Natureza."⁷

"Esse cientista de depois de amanhã terá um escrupulo especial pela sua propria vida interior. Criará de si mesmo o instrumento de precisão para a reduzir a analysada. Não vejo difficuldade essencial em construir um instrumento de precisão, para uso auto-analytico, com aços e bronzes só do pensamento. Refiro-me a aços e bronzes realmente aços e bronzes, mas do espirito. É talvez mesmo assim que elle deva ser construido. Será talvez preciso arranjar a idéa de um instrumento de precisão, materialmente vendo essa idéa, para poder proceder a uma rigorosa analyse intima. E naturalmente será necessario reduzir tambem o espirito a uma especie de materia real com uma especie de espaço em que existe. Depende tudo isso do aguçamento extremo das nossas sensações interiores, que, levados até onde podem ser, sem duvida revelarão, ou crearão, em nós um espaço real como o espaço que ha onde as cousas da materia estão, e que, aliás, é irreal como cousa."⁸

Não sei mesmo se este espaço interior não será apenas uma nova dimensão do outro...

Talvez se descubra que aquillo a que chamamos Deus, e que tão patentemente está em outro plano que não a logica e a realidade espacial e temporal, é um modo de existencia, uma sensação de nós em outra dimensão do sêr. Isto não me parece impossivel."⁸

⁵ idem, pag.136

⁶ idem, pag.9

⁷ idem, pag.33

⁸ idem, pag's 33-34

"Mas no pouco que lia tantas theorias me cançava ver, contradictorias, igualmente assentes em razões desenvolvidas, todas ellas igualmente provaveis e de accordo com uma certa escolha de factos que tinha sempre o ar de ser os factos todos. Se erguia dos livros os meus olhos cançados, ou se dos meus pensamentos desviava para o mundo exterior a minha perturbada attenção, só uma cousa eu via, desmentindo-me toda a utilidade de ler e pensar, arrancando-me uma a uma todas as petalas da idea do esforço: a infinita complexidade das cousas, a immensa somma (...), a prolixa inattingibilidade dos proprios poucos factos que se poderiam conceber precisos para o levantamento de uma sciencia."⁹

SONHAR

"D'ahi a habilidade que adquiri em seguir varias idéas ao mesmo tempo, observar as cousas e ao mesmo tempo sonhar assumptos muito diversos, estar ao mesmo tempo sonhando um poente real sobre o Tejo real e uma manhã sonhada sobre um Pacífico interior; e as duas cousas sonhadas intercalam-se uma na outra, sem se misturar, sem propriamente confundir mais do que o estado emotivo diverso que cada um provoca..."¹⁰

"O sonhador não é superior ao homem activo porque o sonho seja superior á realidade. A superioridade do sonhador consiste em que sonhar é muito mais practico que viver, e em que o sonhador extrahe da vida um prazer muito mais vasto e muito mais variado do que o homem de acção. Em melhores e mais directas palavras, o sonhador é que é o homem de acção."¹¹

"Sendo a vida essencialmente um estado inerte, e tudo, quanto fazemos ou pensamos, valido para nós na proporção em que o pensamento valido, depende de nós a valorização. O sonhador é um emissor de notas, e as notas que emite correm na cidade do seu espirito do mesmo modo que as da realidade. Que me importa que o papel-moeda da minha alma nunca seja convertivel em ouro, se não ha ouro nunca na alchimia facticia da vida? Depois de todos nós vem o diluvio, mas é só depois de todos nós. Melhores, e mais felizes, os que, reconhecendo a ficção de tudo, fazem o romance antes que elle lhes seja feito..."¹²

"Matar o sonho é matar-mo-nos. É mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e

⁹ idem, pag.61

¹⁰ idem, pag.121

¹¹ idem, pag.97

¹² idem, pag's 97-98

inexpugnavelmente nosso... Mas o que eu sonho ninguém pode ver senão eu, ninguém a não ser eu possuir. E se do mundo exterior o meu vel-o differe de como os outros o veem, isso vem de que do sonho meu eu ponho em vel-o sem querer, do que do sonho meu se colla a meus olhos e ouvidos."¹³

"Para dar relevo aos meus sonhos preciso conhecer como é que as paisagens reaes e as personagens da vida nos aparecem relêvadas. Porque a visão do sonhador não é como a visão do que vê as cousas. No sonho, não há o assentar da vista sobre o importante e o inimportante de um objecto que há na realidade. Só o importante é que o sonhador vê. A realidade verdadeira dum objecto é apenas parte d'elle; o resto é o pesado tributo que elle paga à materia em troca de existir no espaço. Semelhantemente, não há no espaço realidade para certos phenomenos que no sonho são palpavelmente reaes. Um poente real é imponderável e transitorio. Um poente do sonho é fixo e eterno... A minha visão das cousas supprime sempre nellas o que o meu sonho não pode utilizar. E assim vivo sempre em sonhos, mesmo quando vivo na vida. Olhar para um poente em mim ou para um poente no Exterior é para mim a mesma cousa, porque vejo da mesma maneira, pois que a minha visão é talhada mesmamente."¹⁴

"Mas, enfim, tambem ha universo na Rua dos Douradores. Tambem aqui Deus concede que não falte o enigma de viver. E porisso, se são pobres, como a paisagem de carroças e caixotes, os sonhos que consigo extrahir de entre as rodas e as tabuas, ainda assim são para mim o que tenho, e o que posso ter. Alhures, sem duvida, é que os poentes são. Mas até d'este quarto andar sobre a cidade se pode pensar no infinito. Um infinito com armazens em baixo, é certo, mas com estrellas ao fim... É o que me occorre, neste acabar de tarde, a d'ela alta, na insatisfação do burguez que não sou e na tristeza do poeta que nunca poderei ser."¹⁵

VIAJAR

"Minha impressão é que o que existe é sempre em outra região, além de montes, e que ha grandes viagens por fazer se tivermos alma com que ter passos."¹⁶

"A vida é uma viagem experimental, feita involuntariamente. É uma viagem do espirito atravez da materia, e, como é o espirito que

¹³ idem, pag's 112-113

¹⁴ idem, pag's 119-120

¹⁵ idem, pag's 124

¹⁶ idem, pag.85

viaja, é nelle que se vive. Ha, porisso, almas contemplativas que teem vivido mais intensa, mais extensa, mais tumultuariamente do que outras que teem vivido externas. O resultado é tudo. O que se sentiu foi o que se viveu. Recolhe-se tam cansado de um sonho como de um trabalho visível. Nunca se viveu tanto como quando se pensou muito."¹⁷

"Eu não parti de um porto conhecido. Nem hoje sei que porto era, porque ainda nunca lá estive. Também, igualmente, o proposito ritual da minha viagem era ir em demanda de portos inexistentes - portos que fossem apenas o entrar-para-portos; enseadas esquecidas de rios, estreitos entre cidades irreprehensivelmente irreaes. Julgues, sem duvida, ao ler-me, que as minhas palavras são absurdas. É que nunca viajastes como eu.

Eu parti? Eu não vos juraria que parti. Encontrei-me em outras partes, n'outros portos, passei por cidades que não eram aquella, ainda que nem aquella nem essas fossem cidades algumas. Jurar-vos que fui eu que parti e não a paysagem, que fui eu que visitei outras terras e não ellas que me visitaram - não vol-o posso fazer...

Viajei. Julgo inutil explicar-vos que não levei nem mezes, nem dias, nem outra quantidade qualquér de qualquér medida de tempo a viajar. Viajei no tempo é certo, mas não do lado de cá do tempo, onde o contamos por horas, dias e mezes; foi do outro lado do tempo que eu viajei, onde o tempo se não conta por medida."¹⁸

AGIR

"Agir é reagir contra si próprio. Influenciar é sahir de casa."¹⁹

"Tenho um receio íntimo dos gestos a esboçar, uma timidez intelectual das frases a dizer. Tudo me parece antecipadamente fruste."²⁰

"Fazer um gesto foi sempre, para o meu sentimento das cousas, uma perturbação, um desdobramento, no universo exterior; mexer-me deu-me sempre a impressão que não deixaria intactas as estrellas nem os ceus sem mudança. Porisso, a importancia metaphysica do mais pequeno gesto, cedo tomou um relevo attonito dentro de mim."²¹

¹⁷ idem, pag.128

¹⁸ idem, pag's 142-143

¹⁹ idem, pag.93

²⁰ idem, pag.68

²¹ idem, pag.92

"Quando vivemos constantemente no abstracto - seja o abstracto do pensamento, seja o da sensação pensada -, não tarda que, contra o nosso mesmo sentimento ou vontade, se nos tornem phantasmas aquellas coisas da vida real que, em accordo com nós mesmos, mais deveríamos sentir... À força de viver de imaginar, gasta-se o poder de imaginar, sobretudo o de imaginar o real. Vivendo mentalmente do que não há nem pode haver, acabamos por não poder scismar o que pode haver."²²

"Teu amor pelas cousas sonhadas era o teu desprezo pelas cousas vividas."²³

"Os homens de acção são os escravos involuntarios dos homens de entendimento. As cousas não valem senão na interpretação d'ellas. Uns, pois, criam coisas para que os outros, transmudando-as em significação as tornem vivas. / Narrar é crear, pois viver é apenas ser vivido."²⁴

"Qualquer coisa, conforme se considera, é um assombro ou um estorvo, um tudo ou um nada, um caminho ou uma preocupação. Consideral-a cada vez de um modo differente é renova-la, multiplical-a por si mesma."²⁵

alterar
o mundo

Fundação Cuidar o Futuro

²² idem, pag.28

²³ idem, pag.75

²⁴ idem, pag.157

²⁵ idem, pag.165



Escolhi estes textos porque, ao não falarem de educação, falam, de facto, de educação. Cinco verbos são o esteio do educador Bernardo Soares: **sentir, pensar, sonhar, viajar, agir**. Representam a meus olhos, com uma espantosa antecipação, a mudança de paradigma que o nosso tempo reclama.

Tenho feito dezenas de conferências em vários países para auditórios em que abundam pessoas que "ensinam". Quando no fim me vêm agradecer porque "ao menos lhes falei da vida real", pergunto-me o que de facto ensinam. Receio que para essas pessoas "as coisas da vida real" se tenham tornado "fantasmas". E a pergunta seguinte é inevitável: não se terá tornado a educação uma transmissão de "fantasmas", afastando cada vez mais do real quem "aprende"? E uso este verbo porque ele estabelece uma relação entre o "politicamente correcto" da educação ainda vigente no mundo e o paradigma a construir.

No paradigma de Bernardo Soares/Fernando Pessoa, o sujeito da educação é o eu que **pensa e sente** e não o educador que dá informação. Há assim uma precedência do **pensamento** e das **sensações** do eu que "aprende".

O eu que sente e pensa está num processo de educação quando as suas sensações e o seu pensamento forem incorporados numa "**viagem do espírito**". Só há educação quando tudo fôr parte dessa viagem iniciática.

É nessa **viagem** que se articulam o que se **pensa** do que se não viu e o ver essa realidade, pois é "com minha alma que verei a China, se a vir". Este aparente paradoxo vem da situação do ponto de partida - ninguém parte "de um ponto conhecido", já que o território do eu é ainda inexplorado.

Também o objectivo da **viagem** não pode ser completamente definido já que "o propósito ritual da minha viagem era ir em demanda de portos inexistentes". A educação é "**viagem**", é ir "de-para", mas nem o lugar de partida nem o de chegada têm um recorte claro.

A educação, ao propor a "**viagem**" tem um "propósito ritual", corresponde ao cumprimento de um rito que a sociedade reconhece e para que oferece as condições necessárias. Mas a sociedade nunca poderá impor o lugar de chegada, mesmo que no nosso tempo os mecanismos de mercado tentem oferecer competitivamente esse lugar. Ao faze-lo, amputam a educação do essencial desse propósito ritual: negam-lhe a possibilidade de "ir em demanda". É que na **demanda se contém não só a viagem, mas o sonho, o sentir, o pensamento, a acção**.

Na "**viagem**" articulam-se também, de forma única, o universal e o particular, não em oposição como o relativismo cultural, herdado de uma etnografia ultrapassada, pretende fazer crer. Só quando percebermos que "o que no Elevador de Santa Justa é universal é a

mechanica facilitando o mundo" é que estaremos aptos a descrever o particular na sua profunda universalidade.

No processo de educação, estará presente o "cientista de depois de amanhã". Esse cientista de depois de amanhã trará consigo, dentro dele, não só "um espaço real como o espaço que há onde as cousas da matéria estão" - espaço de verdadeira criação, de conhecimento reflectido e actualizado, de sabedoria - mas também "uma nova dimensão do outro". Mas que essa dimensão não seja uma coisificação do outro: nunca a ele chegamos senão descobrindo o(s) outro(s) de nós, "outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos". E que nesse espaço Deus seja "uma dimensão de nós em outra dimensão do ser".

A derrocada do "puramente objectivo" já fora anunciada na mais exacta de todas as ciências: o físico Schrödinger afirmara que na observação do objecto se veicula sempre o sujeito. E o sujeito que se veicula não é o que tem determinada opinião sobre o teorema, a lei, a equação. O homem de ciência sabe que não há "nada mais seu do que a sua consciência de si" - por isso, só pode transmitir aquilo que ficou a fazer parte da consciência de si. E anda-se por aí a procurar as razões do "insucesso escolar" do lado dos alunos?! Onde estão os cientistas que tenham tido a coragem e a força de "construir um instrumento de precisão, para uso auto-analítico, com aços e bronzes só do pensamento"?

Estranhar-se-á talvez que eu fale de cientistas no processo educativo e não de "formadores". Faço-o por duas razões: primeiro, porque não posso entender que o educador, ao ensinar os rudimentos de matemática, de história, de ciências naturais, ou de qualquer outro aspecto do conhecimento, se situe unicamente em transmissor desses rudimentos, ainda que tenha aprendido os numerosos "ersatz" da verdadeira iniciação a cada observação da natureza, da história e da vida; segundo, porque no mundo de fontes de informação deslocalizadas, o processo de educação requer, antes de tudo o mais, que o educador "tenha um escrúpulo especial pela sua própria vida interior".

Porque se vive a plena alteridade no processo de educação, é preciso vencer a "timidez intelectual das palavras a dizer". Há nessa timidez um fundo humilde de hesitação, de sentimento de insignificância face à palavra. Mas julgo discernir na nossa sociedade o fundo perverso desse sentimento natural. Somos ainda um povo onde o que considero iletrismo intelectual toca mesmo os que ensinam. Quantas vezes os ouço dizer: "o que eu queria dizer já foi dito por outros.." A esses é necessário denunciar que a incapacidade de dizer o real pode ser, sem que o saibam, o "desprezo pelas cousas vividas". Educar é então abrir o véu que cobre a palavra e, assim, despertar "a alma com que ter passos".

Que motivações se podem suscitar na educação? O caminho é límpido e claro: "nunca me esqueço do que sinto". Transformar a educação



num caminho do **sentir** que se inscreve nas camadas fundas da existência e isto desde os primeiros anos de vida. Um universo de **sensações, sentimentos, afectos**, que estruturam a vida psíquica e tornam capaz de não esquecer o que o eu **sente**. E criar, em todas as etapas e idades, a noção muito clara da "importância metaphysica do mais pequeno gesto". Assim, abrir um espaço onde "não pode haver contágio de vulgaridade".

No olhar que abrange toda a vida, surge a presunção de cada domínio do conhecimento a querer-se lógico, racional, completo - e a ideia de "corpus" a reduzir a realidade a puro objecto de um qualquer exercício. A educação não é o alinhamento desses conhecimentos uns ao lado dos outros, como soldados da parada da ignorância e da inconsciência colectivas. Só há **pensamento** quando se gera o conhecimento da "infinita complexidade das cousas", desses domínios vários que se entrelaçam, que se contrariam, que se multiplicam, que entram na sinergia de que brota uma nova iluminação.

Pela preocupação com o que é preciso transmitir e com o seu peso de "realidade" a conhecer, matam-se muitas vezes os **sonhos**, "esse papel-moeda" de cada alma e impede-se que cada um "faça o romance antes que elle lhe seja feito". Respeitar esse romance de cada vida é reconhecer que "o que eu **sonho** ninguém pode ver senão eu" e que nessa aparentemente banal afirmação se encontra o fundamento da identidade de cada um. O que seria uma pedagogia que seguisse os romances dos **sonhos** dos que aprendem? No termo dessa pedagogia, poder-se-ia então reconhecer que "**o sonhador é que é o homem de acção**".

Porque "narrar é criar", não admira que o entendimento/**pensamento** preceda a **acção**. Mas a **acção** não é linear: é ela própria contraditória porque materializa o encontro do eu com uma parcela da realidade. E essa parcela é sempre diferente. O que seriam os conteúdos da educação se acreditássemos convictamente, com os **sentidos e o pensamento**, que considerar uma coisa ou parcela da realidade "cada vez de modo diferente é renová-la, multiplicá-la por si mesma"?

Poderia parecer que o **sonho** em Bernardo Soares é uma ausência do real. Pelo contrário, é uma presença ao real que nele secundariza, por irrelevante, o que é passageiro e trivial. É que "o pesado, o util, o circumscripto", o que é emanção exclusiva da materialidade das coisas, "dão negro na chapa espiritual". Mas esta educação supõe pessoas espirituais que não se refugiam no que poderia ter sido nem se esvaem em lamentos pelo mal que andam as coisas - são os herdeiros daquele que soube ver "que também há universo na Rua dos Douradores".